

XXVII

O CALUNIADOR

Enquanto o administrador se entregava a conversações educativas com os numerosos subordinados, Aniceto chamou-nos a pequena construção isolada e falou:

— Vejamos outro ensinamento.

Avançamos na direção de algumas câmaras separadas.

Nosso instrutor abriu uma porta e vimos um louco, que parecia fundamente irritado. Fixou em nós o olhar inexpressivo e gritou, estentôricamente. Aniceto, porém, adiantou-se e cumprimentou-o, atencioso:

— Como vai, Paulo?

As palavras, ao que senti, emitiram certo fluxo magnético e o enfêrmo revelou profunda modificação. Aquietou-se de súbito. Sentou-se mais calmo, embora trêmulo e espantadigo.

— Tem sentido melhoras, Paulo? — perguntou nosso orientador, bondosamente, tocando-o no ombro.

Ao contato pessoal de Aniceto, o doente mostrou algum raciocínio e respondeu:

— Vou melhorando, graças...

À vista da expressão reticenciosa, o instrutor falou em tom firme, como se desejasse auxiliar-lhe a vontade enfraquecida:

— Termine!

O doente fez enorme esforço e concluiu:

— G...r...a...ç...a...s a D...e...u...s.

Anotando-lhe o sofrimento e a indecisão, lem-

brei os enfermos das Câmaras, aos quais prestava Narcisa ampla colaboração afetuosa. Percebendo-me as íntimas considerações, disse o mentor esclarecido:

— Vêem a diferença entre os que dormem, os que estão loucos e os que sofrem? Em "Nosso Lar", não temos dos primeiros e os que se encontram desequilibrados, nos serviços da Regeneração, sentem, na maioria, angústias cruéis. E' necessário reconheçamos que os que gemem e sofrem, em qualquer parte, estão melhorando. Tôda lágrima sincera é bendito sintoma de renovação. Os escarnecedores, os ironistas e os perturbados que não registam a dor, são mais dignos de piedade, por permanecerem embotados em estranha rigidez de entendimento.

E, designando o enfêrmo sob nossos olhos, afirmou:

— Paulo é um doente a caminho de melhora positiva. Ainda não possui a consciência exata da situação, mas já chora, já padece com as recordações do passado triste.

Recebi o esclarecimento com atenção. Lembrei-me que, de fato, os doentes conduzidos pelos Samaritanos a "Nosso Lar", em serviço diário, eram grandes sofredores. Os que não acusavam padecimentos atrozes, revelavam estranho pavor das sombras. A única entidade que ali observara, com absoluta inconsciência da própria miséria, fôra a pobre vampiro, que não encontrara guarida nas Câmaras de Retificação.

Nosso instrutor, sem qualquer preocupação de transformar o doente em cobaia, recomendou, afetuoso:

— Concentrem no Paulo a capacidade de visão!

Estimulado pela experiência anterior, fixei nêle todo o meu potencial de observação.

Aos poucos, caracterizou-se a meus olhos a sua tela mental, parecendo formada em compacta sombra noturna. Com surpresa, divisei formas di-

versas que se movimentavam. Vários vultos de mulher ali surgiam, despertando-me enorme admiração. Entre êles, reparei o de Ismália como que doente, enfraquecida, ansiosa. Alguns homens passavam, igualmente, mostrando desesperação, e notei, nessas imagens, o próprio Alfredo a evidenciar cansaço e extrema velhice prematura. Vozes misteriosas se faziam ouvir. Sobre Paulo choviam maldigões e blasfêmias. As mulheres pareciam acusá-lo, clamorosamente; os homens davam idéia de perseguidores ferozes, ocultos no mundo interior daquele enfermo estranho. Observando, porém, que os vultos de Ismália e Alfredo se movimentavam naquele painel escuro, não pude sofrer a curiosidade e interrompi o minucioso exame, voltando a conversar com o nosso orientador, perguntando:

— Como explicar o fenômeno? Estou assombrado!

Antes, porém, que pudesse expressar maiormente o espanto que me dominara, Aniceto ajuntou:

— Já sei. Admira-se da presença de Ismália e do seu marido nas reminiscências do enfermo.

E, ante a minha perplexidade, continuou:

— Lembra-se da história de Alfredo? Temos diante de nós o falso amigo que lhe arruinou o lar. Paulo, contudo, não somente cometeu a ingratidão, como envenenou o espírito doutras senhoras, traiu outros amigos e destruiu a alegria e a paz doutros santuários domésticos. Observando Ismália aflita e Alfredo desesperado, nas recordações dêle, vemos as imagens criadas pelo caluniador, para seus próprios olhos. Nossos amigos dêste Pôsto, evolutiram, transpuseram a fronteira da mágoa, escaparam aos monstros do ódio, vestem-se hoje de luz; no entanto, Paulo os vê como imagina, para escarmento de suas culpas. O criminoso nunca consegue fugir da verdadeira justiça universal, porque carrega o crime cometido, em qualquer parte. Tanto nos círculos carnaís, como aqui, a paisagem real do Espírito é a do campo interior. Viveremos,

de fato, com as criações mais íntimas de nossa alma.

Reparando-me a dificuldade para compreender de pronto, Aniceto prosseguiu, depois de pequeno intervalo:

— Para melhor elucidação, recordemos a crucificação do Mestre Divino. Sabemos que Jesus penetrou na glória sublime logo após a suprema dor do Calvário; entretanto, estamos ainda a vê-Lo, frequentemente pendurado na cruz, martirizado pelos nossos erros, flagelado pelos nossos açoitamentos, porque a visão interior a isso nos compele. A condenação do Mestre foi um crime coletivo e êsse crime estará conosco até o dia em que nos vestirmos na divina luz da redenção.

O esclarecimento não poderia ser mais lúcido. Sentia-me diante de nobre revelação.

— O dever possui as bênçãos da confiança, mas a dívida tem os fantasmas da cobrança — tornou o generoso mentor, com grave acento.

Readquirindo a serenidade, interroguei:

— Mas, Paulo veio ter casualmente a êste Pôsto?

— Não — respondeu Aniceto, atencioso — foi trazido pelo próprio Alfredo, que se sentiu necessitado de disciplinar o coração. Nosso amigo, que hoje dirige esta casa de amor, desprende-se do mundo, sob intensa vibração de ódio e desesperação. Sofreu muitíssimo nos primeiros tempos, embora nunca fôsse abandonado pela dedicação da abnegada companheira. Alfredo, todavia, não pôde ver Ismália enquanto não se desvencilhou das baixas manifestações do rancor. Socorrido em "Campo da Paz", compreendeu as próprias necessidades. Tão logo adquiriu algum mérito, intercedeu pelo amigo infiel, buscou-o em recanto abismal, e tão nobremente se dedicou ao aperfeiçoamento de si mesmo, que conquistou a posição de administrador de um Pôsto de Socorro. Trouxe o tutelado em sua companhia e trata-o como irmão, atualmente. Não

julgueem que o marido de Ismália conseguisse essa vitória espiritual tão somente pelo fato de desejá-la. Ele desejou-a, procurou-a, alimentou-a, e, agora, permanece na realização. Há muitos anos, conversa com Paulo, diariamente. Nos primeiros tempos, aproximava-se do enfêrmo como necessitado de reconciliação; depois, como pessoa caridosa; mais tarde adquiriu entendimento, comparando situações; em seguida sentiu piedade; logo após, experimentou simpatia e, presentemente, conquistou a verdadeira fraternidade, o amor sublime de irmão pelo ex-inimigo.

Fazendo pequena pausa, voltou a dizer, espiritualmente:

— Como vêem, o ensinamento de Jesus, quanto ao “batei e abri-vos-a”, é muito extenso. No plano da carne, insistimos à porta das coisas exteriores, procurando facilidades e vantagens; mas, aqui, temos de bater à porta de nós mesmos, para encontrar a virtude e a verdadeira iluminação.

Vicente, que se conservara calado, até então, indagou:

— Paulo, todavia, permanecerá aqui, indefinidamente?

Nosso instrutor fez um gesto significativo e concluiu:

— Voltará breve à Terra. Ismália tem feito por êle generosas intercessões e não deseja que êle, ao retomar a razão plena, se sinta humilhado, com o benefício das próprias vítimas. Uma das irmãs, por êle caluniadas no mundo, já voltou ao círculo carnal, e a abnegada espôsa de Alfredo pediu-lhe que recebesse Paulo como filho, tão logo seja oportuno.

XXVIII

VIDA SOCIAL

À noite, surpreendiam-me os sublimes aspectos do firmamento no Pôsto de Socorro. O luar safirino envolvia tôdas as coisas. O céu era qual infinita colcha de azul muito límpido, pontilhado de astros fulgurantes. As nuvens da tarde haviam desaparecido.

Contemplando a beleza da noite, Alfredo acentuou:

— Felizmente, os fenômenos magnéticos foram deslocados do nosso círculo. Os aparelhos, porém, continuam registando enorme conflito de forças inferiores.

Ia comentar a beleza do céu, ante a observação do administrador, quando a campainha retiniu suavemente.

Chamavam à entrada. Alfredo e Ismália sorriram.

Muito gentil, o chefe do Pôsto asseverou:

— Temos a visita de amigos do “Campo da Paz”.

E, convidando-nos à recepção no baluarte avançado, acrescentou jovialmente:

— Temos, também, aqui, a nossa vida social. Como não? E' preciso saber viver.

Encantado com essa nota alegre, acompanhei os donos da casa, verificando, com indizível surpresa, que tínhamos sob os olhos um belo carro tirado por dois soberbos cavalos brancos. Tratava-se de veículo confortável e interessante, quase idêntico aos velhos carros de serviço público, do tempo de Luiz XV, que reparara, mais de uma